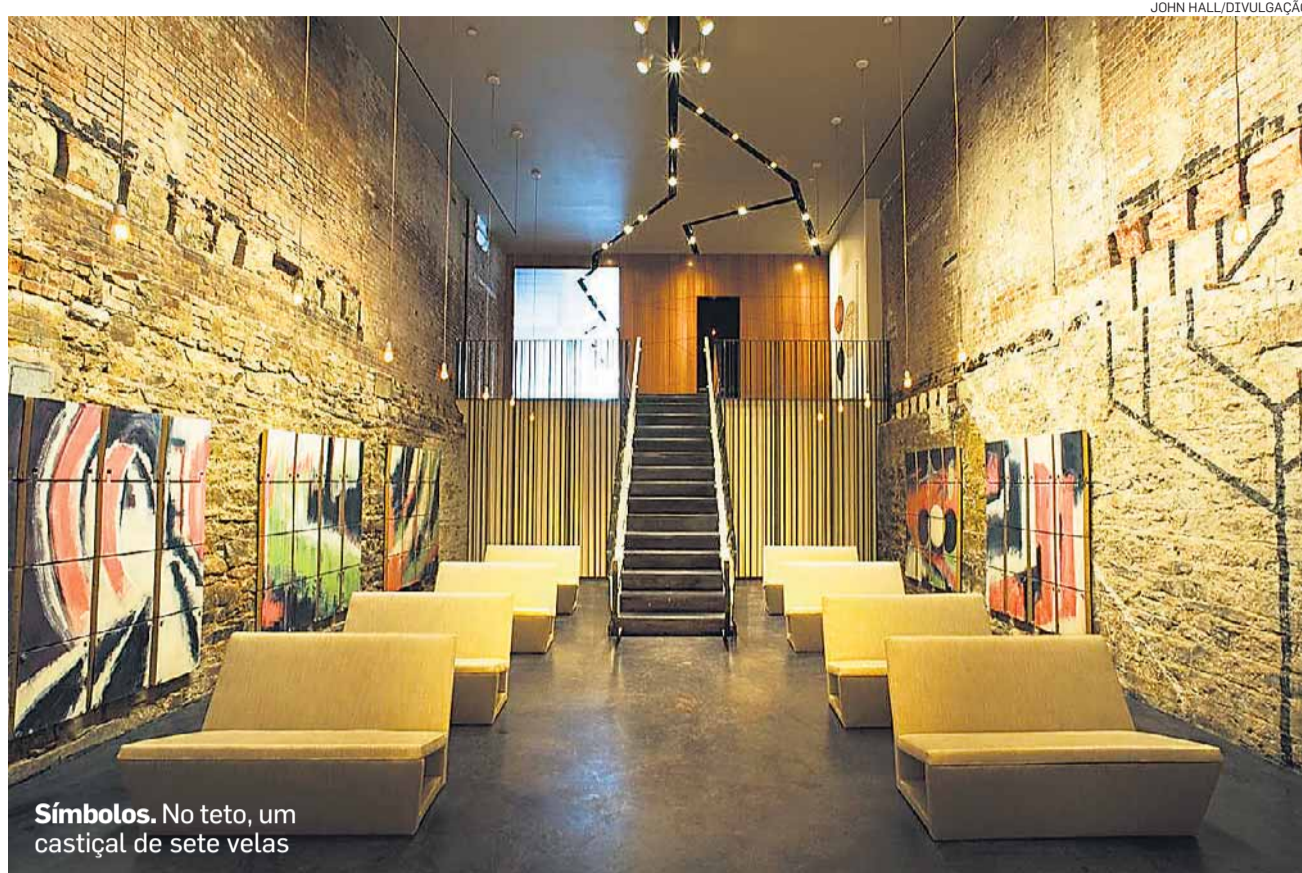


Design & Inovação

Sinagoga do Soho, NY

Israelense de nascimento, o arquiteto radicado em Nova York Dror Benshetrit projetou a Sinagoga do Soho para atrair jovens judeus à prática da religião. O prédio, que antes abrigava uma grife de moda, foi transformado para receber símbolos da cultura judaica. As linhas convergentes no teto com lâmpadas em bulbos lembram uma menorah (castiçal de sete velas, símbolo de Israel). Durante a demolição da área rebaixada onde fica agora o santuário, Benshetrit notou na parede sete blocos assimétricos de tijolos que, acentuados por ele com uma escavação em baixo-relevo, também representam o castiçal judaico. Além disso, o arquiteto usou uma série de painéis que podem ser dobrados e usados como cadeiras. /LÍLIAN CUNHA



Símbolos. No teto, um castiçal de sete velas

XÍCARA DE BISCOITO PARA CAFÉ
A marca italiana de cafés Lavazza criou, junto com o confeitiro Lello Parisi, o "Lavazza Cookie Cup": uma xícara que por fora é de massa de biscoito reforçada para aguentar altas temperaturas e, por dentro, é de glacê de açúcar e goma arábica. Ao colocar o café na Cookie Cup, o açúcar vai derretendo lentamente. Depois de tomar a bebida, a xícara pode ser comida.



Os SEGREDOS da chinesa Huawei

Cerca de um terço da população mundial já consome de alguma forma os produtos da companhia, que já foi acusada até de espionagem

Hilmar Schmundt
DER SPIEGEL

O primeiro problema é conseguir falar o nome da companhia. Huawei pronuncia-se "uah-uei", e significa "A China faz!". O segundo é seu viés político. A fornecedora de celulares e equipamentos para redes de telecomunicações, sediada na cidade de Shenzhen, no sudeste da China, é acusada de espalhar pelo mundo, por vias escusas, aparelhos de espionagem de alta tecnologia, de manter estreitos vínculos com os militares chineses e de fornecer produtos a Estados condenados ao ostracismo pela comunidade internacional, como o Irã.

Um recente relatório do comitê de inteligência da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos lançou o alarme contra os produtos que a companhia fornece para a infraestrutura de telecomunicação. O governo australiano também proibiu a empresa de se candidatar para licitações relacionadas à construção de sua rede nacional de banda larga.

Entretanto, parece impossível deter a Huawei. Na maior feira de tecnologia para consumo do mundo, que começará amanhã em Las Vegas, a companhia apresentará o primeiro celular que usa o sistema operacional Windows Phone 8, além de um smartphone aperfeiçoado, com tela de 15 centímetros de largura, que o coloca na categoria dos híbridos de telefone + tablet, conhecidos como "phablets". Em julho, a companhia lançou seu Ascend P1, um smartphone baseado no Android, mais fino do que muitos produtos concorrentes, com uma bateria que tem vida útil superior à do iPhone 5.

A companhia chinesa anuncia que em breve poderá fabricar smartphones melhores que os da Samsung e da Apple. Embora essa meta possa parecer extremamente ambiciosa, para a Huawei significa oportunidade.

Algumas estimativas mostram que cerca de um terço da população mundial já usa as tecnologias da companhia de alguma forma – e, frequentemente, sem saber. Muitas conexões de internet rodam em servidores feitos pela Huawei e milhares de chamadas de celular são transmitidas por estações da companhia.

Campanha. Para dirimir as preocupações em torno de seus objetivos, a chinesa começou recentemente uma "campanha" de imagem. "É um preconceito pelo simples fato de sermos uma companhia chinesa", afirma o porta-voz da empresa Roland Sladek. "De uns tempos para cá nos tornamos internacionais". O alemão Sladek, de 39 anos, ex-professor de comunicações interculturais na Sciences Po, uma universidade de elite de Paris, é o rosto europeu da companhia.



● **Só na China**
A Huawei, como outras companhias com mais de 50 empregados, tem seu próprio comitê interno do Partido Comunista Chinês. Segundo a empresa, eles se limitam a distribuir cestas de frutas aos funcionários por ocasião do Ano Novo Chinês

Sladek concedeu essa entrevista na sede da Huawei, um edifício de vidro numa zona industrial de Shenzhen, a poucos quilômetros das fábricas da Foxconn nas quais são montados produtos da Samsung e da Apple. Mas, ao contrário da Foxconn, a sede da Huawei destina-se ao desenvolvimento de produtos, e não à montagem de aparelhos.

A Huawei tem cerca de 150 mil funcionários em mais de 140 países. Mas, apesar da presença global, a companhia é absolutamente chinesa. Foi fundada em 1987 por Ren Zhengfei, ex-especialista em tecnologia do Exército Popular de Libertação.

Contra ratos. O alemão Sladek menciona os cabos à prova de ratos produzidos pela companhia no passado como um exemplo de como a Huawei sabe atender às necessidades dos clientes. Naquela época, os ratos frequentemente destruíam as linhas telefônicas nas áreas rurais. "Outras companhias davam de ombros para isso", afirma. "Mas nossos engenheiros tornaram os cabos resistentes aos dentes dos ratos."

A Huawei expandiu-se no exterior depois da virada do milênio e tornou-se a segunda maior fornecedora de equipamentos para redes de telecomunicação do mundo, com vendas anuais de US\$ 33 bilhões. Em breve pode superar até a sueca Ericsson,

líder do mercado. Além disso, em vez de produzir cópias baratas, a companhia chinesa destina mais de 11% da receita a pesquisa e desenvolvimento, e já tem mais de 20 mil patentes.

O fundador nunca concedeu entrevistas, e outras peculiaridades chinesas contribuem para aumentar a fama de pouca transparência da companhia. Por exemplo: ela tem seu próprio comitê interno do Partido Comunista Chinês. O porta-voz Sladek diz que na China toda companhia com mais de 50 funcionários é obrigada a ter um, inclusive as subsidiárias chinesas da Volkswagen e da BMW. "Os comitês limitam-se a distribuir cestas de frutas aos funcionários por ocasião do Ano Novo Chinês", diz ele. Mas a explicação não convence.

Em termos formais, os funcionários são os donos da companhia. Seu fundador detém uma participação de 1,4% – e parece inclinado a perpetuar a dinastia. Sua filha é diretora financeira da empresa, e seu irmão faz parte do conselho de administração. Uma exposição permanente localizada num dos subsolos da sede mostra que os produtos da companhia passaram a fazer parte, de uma maneira ou de outra, da nossa vida digital diária. A Huawei oferece estações de telefonia móvel movidas a energia solar, software para hospitais, televisores interativos, câmeras

de vigilância, sistemas de conferência por telefone e controles de trânsito. Além disso, seus produtos são, em geral, 30% mais baratos que os dos concorrentes.

A Huawei vende cerca de 100 milhões de celulares por ano, muitas vezes sob a marca das operadoras de telefone móvel. Uma violenta guerra de preços entre as fornecedoras sem nome levou a Huawei a seguir o exemplo de outras companhias, como a HTC de Taiwan, lançando sua própria marca de celulares. "A boa notícia é que nossa tecnologia é de qualidade", afirma Shao Yang, diretor de marketing da Huawei. "E a má é que nem todo mundo nos conhece."

Segurança. Há dois anos, a companhia deu um passo ousado com o objetivo de acabar com as suspeitas de espionagem industrial. Ela criou o Centro de Avaliação de Cibersegurança, uma espécie de centro de quarentena, na cidadezinha britânica de Banbury. Ali, 20 funcionários analisam os pontos vulneráveis dos aparelhos da Huawei ao lado de profissionais do departamento de inteligência britânico, responsável pela cibersegurança. A chinesa concede aos ingleses até o código fonte de seus produtos, que é o bem mais sagrado de uma empresa de tecnologia.

"Essa deveria ser uma notícia

tranquilizadora", diz Felix Lindner, diretor da Recurity Labs, uma empresa de segurança com dez funcionários sediada em Berlim. "Mas qual a vantagem para as companhias alemãs se o serviço de inteligência britânico conhece os pontos vulneráveis da Huawei?"

Lindner provocou certa agitação global, em julho, quando apontou brechas nos Sistemas da Huawei na conferência hacker da Defcon, em Las Vegas. Na época, os piratas conseguiram facilmente violar o código dos roteadores da Huawei com senhas comuns, predefinidas, como "supperman" com dois ps.

"Eu costumava criticar frequentemente companhias como a Sun Microsystems", disse Lindner, ironicamente. "Mas, em comparação, a Sun me parece realmente exemplar desde que conheci a Huawei. Seu nível de segurança lembra o dos anos 90". Em resposta, a Huawei diz que não pode entrar em detalhes sobre questões relacionadas à segurança, mas acrescenta que valoriza ao máximo a qualidade.

No entanto, Lindner não acredita que as brechas desprotegidas dos roteadores da Huawei tenham sido programadas com más intenções. O que ele sugere é que são fruto do trabalho descurado de jovens engenheiros mal pagos. /TRADUÇÃO ANNA CAPOVILLA

Receita. Com atuação em 140 países, a empresa tem um faturamento anual de US\$ 33 bilhões